

O BINOCULO

PERIODICO HUMORISTICO E NOTICIOSO

Num. do dia
100 réis

REDACTORES DIVERSOS

Num. atrazado
200 réis

ANNO I

ESTADO DE SANTA CATARINA
Florianopolis — Domingo, 27 de Abril de 1902

N.º 3

AVANTE !

Encorajados pelo bom acolhimento que tivemos, continuamos na liça, de lança em riste, á semelhança dos gladiadores antigos, a despeito de meia duzia de invejosos, que, julgando-se Scipiões nas luctas jornalisticas, não passam de verdadeiros *Mal das Vinhas*.

Em quanto formos honrados com o favor do publico, havemos de caminhar avante, removendo as difficuldades que pretendam interceptar os nossos passos mal seguros, na vereda que principiamos a trilhar.

Mas si nos falta a segurança, o que é natural em quem dá as primeiras passadas, sobra-nos entretanto força de vontade, perseverança e animo, que nos farão transpor obstaculos, vencer barreiras.

A coragem não é partilha sómente dos grandes; os pequenos, como nós, muitas vezes tem-n'a em maior abundancia do que aquellos que são considerados gigantes.

Assim, pois, não abandonaremos o campo da acção, erguendo bem alto a bandeira que desfraldamos ao vento da publicidade.

JARDIM

Em nosso ultimo numero pedimos a attenção do sr. superintendente municipal, para o nosso principal jardim

Não sabemos si s. s., tomando em consideração o nosso reclamo, aliás justo, deus providencias necessarias para pôr cobro ao abuso do jardineiro, que parece gostar mais de palestrar do que de trabalhar.

O certo, porém, é que já se vê esse empregado de thesoura em punho, aparando a gramma, que ameaça cobrir alguns bancos do jardim.

O monte de cisco, continúa, porém, no lugar por nós indicado.

O NOSSO APPARECIMENTO

O nosso collega *Republica*, que por affluencia de materia, deixou de noticiar o nosso apparecimento, assim se exprime, em sua edição de 23 do fluente, com relação a nossa vinda ao mundo jornalístico :

O BINOCULO. — « Temos sobre a mesa o n. 2 d' *O Binoculo*, interessante jornalzinho que ha pouco surgiu.

Muitas felicidades lhe desejamos. »

Gratos nos confessamos a todos os collegas.

PERIGO !

Chamamos a attenção de quem competir, para um poço que existe na rua de S. Pedro, e que constitue um verdadeiro perigo, para os transeuntes.

Não ha muito tempo que ali cahiram duas creanças, que pereceriam, si não fossem acudidas a tempo, por pessoas que passavam na occasião.

Club da Imprensa

Na séde da « Associação dos Empregados no Commercio » reúnem-se hoje os jornalistas e typ graphos desta capital, com o fim de organisarem um club.

PERFIL

E' alto, magro, moreno;
Tem cabelo azevichado
Pouca barba, cara curta,
Nariz um tanto afilado.

Gosta do bicho, da troça,
Mas não toma vinho tinto
Come roscas e pasteis
E aprecia o *Ramos Pinto*.

LUZIA.

UMA DESVENTURA

Ah! o nosso Chico...



Bem infeliz, coitado; mas tudo occasionado pelo estoicismo do velho Parafuso, que lhe vasára o olho esquerdo, — um olho castanho e grande

Os leitores conheciam-n'o?

Tinha sido um simples remador dos escaleres da Alfandega; era, porém, um rapaz bem alegre e sympathico, de 20 e tantos annos, tocador de violão e muito apaixonado por qualquer festa bailarina, onde falfava-se durante noites inteiras.

Foi tambem um dos apreciadores do Club Sybillino que existia alli no sombrio quarteirão de Santa Barbara. Era lá que, associando as branduras do seu violão ás de algum companheiro, encontrava-se ás vezes com a Julia, — uma deliciosa rapariga de quem muito gostava.

A primeira vez que a viu foi na igreja matriz, assistindo a festa de um domingo de ramos, toda galante, toda faceira no seu vestidinho verde e numa frescura voluptuosa de moça morena e provocante.

Ah! que fortes chammas amorosas invadiram naquelle momento o coração do Chico, emanadas do fogo daquelles olhinhos pretos e luminosos!

E desde então nunca mais elle deixou os passos da Julia.

Todas as noites, com o violão ao peito, lá ia elle encostar-se a uma esquina fronteira a casa de sua namorada, e com a alma em grandes enleavações, recitava uma infinidade de versinhos muito sentidos de poetas da Lagôa e da Trindade.

Andava já bem magro. O tal velho Parafuso, porém, não apreciava aquillo. Os leitores sabem quem era elle? Era um velho pescador da Prainha, muito impertinente, com feições de bugio e que residia na vizinhança da Julia. Não gostava, segundo se dizia, de moças, de musica e de linguíça de colono...

Tres coisas tão deliciosas, tão seductoras!

Que coração de aço!

Mas voltemos á vacca fria.

O maldito velho ouvia sempre o Chico, de violão em punho, entregue, durante longas horas da noite, ás suas delicias a-

morezas. Sem poder conciliar o somno, de-vido aquillo, o Parafuso virava-se e revirava-se sob os lençóes.

E isso já não tinha fim.

Uma noite, porém, armado de chibote, veio elle á rua e... agora o verás.

Avançou-se sobre o Chico, quebrando-lhe a cabeça, quebrando-lhe o violão e furando-lhe um dos olhos. O nosso apaixonado não teve coragem para defender-se dos impetos da furia parafusana e immediatamente gritou pelo quem me acode.

Medroso...

A policia veio logo, e sem de nada informar-se, fez em seguida os dois contadores marcharem para o xadrez da Praça.

Infeliz namorado! nunca mais a Julia lhe deu um sorriso, um ligeiro quebradoinho de olhos... Ah! si elle ao menos pudesse ostentar uma pomada barata de ex-deputado estadual, feito ás pressas, e metter-se constantemente numa sobre-casaca, occultando os defeitos do seu olho sob uns oculos azues.

Mas os recursos do emprêgo não lhe chegariam para tanto.

Da. Puv.

TIGRE



Apezar de ter sido retirado ha dia do theatro, um tigre já em estado de putrefacção, continuam os frequentadores dessa casa de diversão, a queixarem-se do mau cheiro que parte de um dos corredores do ex-Santa Izabel.

Ha quem diga que ali existe um outro tigre já em decomposição; outros porém affirmam que o grande fetido é produzido pelo couro do primitivo animal, guardado ainda verde, pelo zelador, para mais tarde mandar curtil-o?

Será verdade?



BRAVO!!

Si os defensores dos pobres Não pódem mais appellar, Quem dos seus direitos ha de D'ora avante propugnar?

E' mais uma bernardice Dos homens do sup'rior, Que distribuem justiça A seu gosto, a seu sabor!

DE CANNIÇO...



Não ha nada como um dia depois do outro.

A proposito lembrei-me da seguinte historia:

No tempo em que os bichos falavam, existia uma ilha chamada *Dos casos raros*, que era governada por um frango d'agua, do qual era secretario um socó, que costumava, estando parado, levantar a perna esquerda e chupar um dedo.

Uma manhã, o secretario, que dormia a somno solto, foi despertado por grande alarido. Levanta-se resabiado, e vê uma multidão de bichos de todas as qualidades, sexos e idades, applaudindo um gallo, bem creado, que discursava trepado em uma pedra.

Amedrontado dirige-se ao poleiro onde repousava o frango, acorda-o e diz-lhe:

— Pontifice, rebentou uma revolta. Um gato ahiando as unhas, fala ás massas. Ouvi gritos: abaixo o frango. Proclencias, senão perdemos o poleiro.

— Nada receies: Deixal-os gritar, que elles calarão-se-ão-se.

Levanta-se e ordena à policia que vá dispersar o grupo.

A bicharada, porém, carrega sobre a policia, que dá ás de Villa Diogo.

Vendo-se sem apoio, frango e socó amedrontados, pulando de galho em galho, cuidadosamente, abandonam o poleiro.

Quando o gato deu pela cousa subiu ao galgo almejado.

Correm os tempos.

O frango, que tornara-se gallo, e jurava vingarse, um dia apanha o gato desistido, corta-lhe as unhas, trancafia-o numa gaiola e dá o poleiro a um camondongo.

O gato esperneia, mas não consegue escapar.

Dias depois é elle posto em liberdade.

Mas... não ha nada como um dia depois do outro.

O camondongo é atacado de uma doença estomago e intestinos e é obrigado a isso, a deixar o poleiro, entregando-o a um bugio.

Nessa ilha quando o poleiro passava a

outros pés, era costume examinarem uma arvore que tinha o nome de *arvore do credito*.

O bugio, no acto do exame, verificou que a arvore tinha os ramos tortos, e demonstrou não ter capacidade para indireital-os.

O gallo zanga-se com isso, e resolve tomar o lugar do bugio, para felicidade geral. E' sabe o leitor o que elle fez?

Precisando do gato, para emprehen-der e executar essa obra de reconstrucção, mandou-o chamar, pediu o esquecimento do passado, e pé de um e mão de outro apertaram-se em signal de amizade. Nesse dia firmaram um pacto, cujo resultado não sei si foi satisfactorio, si redundou em bem geral.

A' vista disto o leitor ha-de concordar que não ha nada como um dia depois do outro.

TURIBIO.

DE BINOCULO...



No theatro:

Representava-se o *Chateau Margaux*.

Quando a sympathica senhorita Petra Rubio exhibia-se n'esta valsa, attrahindo com a sua melodiosa voz, os olhares dos espectadores, viu-se em uma das portas que davam para a scena, uma cara acastanhada, que logo reconheceu-se não ser de pessoa da companhia. O Chico, que estava a meu lado, e afflictissimo para reconhecer o tal personagem, derepente (quando a senhorita Rubio estava no *porre* da valsa) grita com todas as torças de seus pulmões: olha! olha! o Caçella!

Dei um beliscão no Chico, para fazel-o callar-se, immediatamente assestei o *Binoculo*, e reconhecendo o tal sujeito, disse baixinho, ao ouvido do Chico:

— Cala a bocca, ó diabo. O homem não quer que se saiba que foi contractado para contra-regra da companhia!

— Mas, o contra regra, não apparece em scena!

— Aquillo é mania! Não sabes que elle gosta de metter o nariz em toda parte?

— Ah!...

Reporter.

ALMA PENADA



Dissemos em o nosso ultimo numero que a sessão em que o Theodoro invocara um espirito, fôra suspensa devido a grande charivari.

Pois bem. Os animos acalmaram-se e o *medium* terminou a leitura do manuscrito, que fôra interrompida pela barulhada.

—O dinheiro, que é em ouro, está escondido em um lugar em que ha uma cruz negra.

Procurem-n'o.

Finda a leitura, muniram-se de velas de sebo, e em numero superior a oito, os que assistiram a sessão começaram a busca pelos quartos, salas etc.

Quem os visse de longe, supporia estar assistindo a uma *procissão das almas*.

Ao chegarem à saia de jantar, o Lailão abriu um armario e o Meira gritou:

—Ali está a cruz!

De facto no fundo do armario estava uma cruz feita a carvão

Um delles, pallido, nervoso, com os cabellos eriçados, retirou umas garrafas vasias que ali existiam e exclamou:

—Olhem. Aqui tem uma panella!

O Theodoro, que ficara na sala, ao ouvir esta exclamação, correu para ver o objecto achado, perguntando:

—Onde, onde está?

—Aqui.

E á vista de todos appareceu uma panella de ferro, hermeticamente fechada.

—Quem tira e abre a panella?

—Eu, disseram todos, em côro.

—Não, sr. retorquiu o dono da casa. Ao *medium* compete este serviço.

—Bem lembrado, responde o Theodoro, que retira e colloca a panella no meio da sala.

Todos rodeiam o precioso objecto, lançando-lhe olhares cubiçosos.

A muito custo consegue o *medium* tirar a tampa.

Oh! decepção horrivel!

Ao saltar a tampa, todos fugiram, abandonaram o objecto pouco antes cubiçado!

O dono da casa, furioso, dizia, caminhando a largos passos, gesticulando:

E esta?! Ainda tenho de comprar al-

fazema para queimar, e pagar quem te fôra esta maldicta panella!...

O Theodoro reflexionava, descendo a escada:

—E eu que contava com a minha independencia! Em vez de dinheiro em ouro, encontro... nem sei o que... Ananias deu em... porcaria, o negocio que me parecia rendoso. E' mesmo assim: quem nasceu para dez reis, nunca chega a vintem.



DESCUIDO?



O Jacotinho quando pega na pena para fazer uma noticia, é só *aquella desgraça...*

Tem dedo para a cousa, o *culho secco*.

Um dia destes dando noti ia da chegada de um tenente, disse que elle veio *praticar na Estação Telegraphica deste estado a completar o curso de engenharia militar*.

De uma cajadada, o damnado matou tres coelhos: fez-nós saber que chegou o tenente; deu-nos sciencia da supressão das estações telegraphicas do Estado, com excepção de uma, e nós fez-sebedor da creação de uma escola de engenharia militar, na nossa terra!...



BORDEJANDO

Coiós em penea transitam
Pela rua Tiradentes.

Uns, de braço, outros *solitos*;
Todos elles pretendentes

A' uma certa *muchacha*,
Que d'elles caso não faz,
Pois só quer engrossamento
Com *um* só e bem sagaz.

Não precisamos dizer
Quem elle é, ao leitor.
Pois todo o mundo já sabe
Que é o amigo Heitor.

Os outros desconfiados,
Ja querem fazer intriga,
Porem, nada arranjarão
E hão de sahir de barriga!

Mas, *stando* um delles parado
Na esquina, berrou: oh! *ação!*
Vocês engrossam, engrossam
E eu só quero o... *melão!*